



Fotos de José Maria Nunes

A solidão

Os irmãos Maria Diolino, 113 anos, a índia mais velha do Estado, e Manoel, 83, se queixam da solidão. O barulho que ouvem é de um velho e companheiro rádio de pilha. "Os mais jovens não querem mais saber de histórias de índio"

Índios lamentam perda da identidade cultural

Os mais antigos reclamam do processo de aculturação. Ao mesmo tempo, afirmam que se sentem mais confortáveis, já que as aldeias têm condições de gerar renda própria

JOSÉ MARIA NUNES

Linhares - Sucursal - Apesar de viverem acuados, confinados em suas aldeias, no interior do município de Aracruz, e de terem perdido o contato com a cultura de seus antepassados, incluindo a língua tupi e muitas tradições antigas, os índios tupiniquins remanescentes ainda alimentam o sonho da volta às origens. O resgate histórico-cultural deste povo, que ao longo de cinco séculos sofreu um forçado processo de assimilação da cultura branca ocidental, passa, principalmente, pelos relatos orais dos índios mais velhos destas comunidades. Assumindo a função de contadores de histórias, entre outras, eles simbolizam uma esperança de recuperação cultural. Contudo, o índio idoso vive, hoje, o drama deste acentuado processo de aculturação. Por outro lado, eles se sentem em situação mais confortável, pelo fato de as aldeias terem condições próprias de gerar renda.

Tradição

A prática de contar histórias nas aldeias pelos mais velhos, por exemplo, era um costume antigo. À noite, as famílias se reuniam em torno dos anciãos, que passavam horas contando histórias de caçadas e de acontecimentos diversos. Entretanto, o povo tupiniquim quase já não conta histórias para as novas gerações, devido às influências externas, causadas pelo contato com os não-índios. O povo guarani também sofreu grandes influências, mas entre eles a resistência é maior.

A prática de contar história

adotaram o mesmo ritmo de vida do homem branco, incluindo a correria do dia-a-dia. Quando não estão trabalhando ou na escola, a opção de entretenimento mais comum é representada pelo fascínio da televisão. O novo costume acabou consolidando o processo de isolamento a que os índios idosos estão sendo submetidos desde o início da colonização.

a comidas gordurosas, como as carnes de capivara e de porco-do-mato. Mas faz um alerta com relação aos alimentos da era moderna: "As comidas de hoje é que estragam a saúde." Ele atribui a longevidade ao antigo modo indígena de viver, que, conta, incluía longas caminhadas pela floresta adentro.

Enquanto Manoel, falante

Ensina, por exemplo, que a folha do urucum, usada em compressa, alivia a dor de cabeça, e que o barandi, uma espécie de capim comum na região, amassado, corta a dor de dente.

"Não temos a fala do índio, mas temos o sangue." A frase do índio Alonso Pinto, de 88 anos, mais do que a tristeza pelo desaparecimento da língua,

melhor hoje. "Quando os homens caçavam, mariscavam e pescavam, a gente ia junto, acompanhando, e era um sofrimento danado."

Origem

Caieiras Velha recebeu este nome por ter sido o local onde os índios fabricavam cal, a partir das conchas das ostras retidas no Rio Piçarra. A etimologia

dos instrumentos confeccionados pelos índios, utilizados nas apresentações da banda de congo local. Há muito tempo, os habitantes de Caieiras Velha adotaram o congo como expressão cultural, que se mistura às danças tribais nas festas e comemorações.

Cezenando conta que, quando era menino, teve um problema de "inchaço" e que foi curado com "remédio do mato". "Meus pais cozinharam o remédio numa panela de barro, me jogaram dentro de uma gamela e me deram banho e, de repente, eu desinchei." O velho índio ainda tem na memória histórias contadas pelos ancestrais, que se misturam a personagens e enredos muito conhecidos dos não-índios. Estas histórias contadas pelos tupiniquins aos seus filhos eram bem diferentes, antes do século XVI. Parte delas foi alterada em razão do contato com a civilização européia. Mas ainda é possível perceber nos relatos um imaginário povoado por seres e forças sobrenaturais, traços da herança ameríndia que se distancia da cultura ocidental.

Sabedoria

O membro do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Fábio Villas, destaca a diferença no modo como tupiniquins e guaranis tratam os índios idosos. Segundo ele, os guaranis tendem a ver os mais velhos como depositários da sabedoria e, principalmente, da religião, que é muito forte nesta etnia. "Mesmo que os jovens estejam à frente das relações com a sociedade, eles sempre recorrem aos mais antigos para

das pelo contato com os não-índios. O povo guarani também sofreu grandes influências, mas entre eles a resistência é maior.

A prática de contar história ainda é um costume presente no dia-a-dia, realizado pelos mais velhos na casa de oração, ou até mesmo em outros locais da aldeia. Muitas destas histórias foram compiladas, resultando na publicação, no ano passado, da coletânea *Os Tupinikins e Guaranis Contam...* A obra foi organizada por educadores indígenas capixabas.

Para os índios, contar histórias costumava ser a maneira de fazer com que os mais novos pudessem compreender alguns aspectos da vida da aldeia e afirmar sua identidade cultural. Através dos mitos, lendas e contos, eles passavam conhecimentos importantes, sua sabedoria, ensinando, também, regras de moral e conduta. A índia guarani Aurora Venite, de 89 anos, por exemplo, cujo nome, na língua tupi-guarani é *Kretxu*, mora na aldeia de Tekoá Porã (Boa Esperança), no litoral de Aracruz. Entre os guaranis, a pessoa mais velha da aldeia é considerada a "mãe ou pai de todos", atuando como conselheira ou conselheiro.

Uma das histórias mais contadas por dona Aurora, e que, entre várias outras, consta em *Os Tupinikins e Guaranis Contam...*, trata das regras do parto guarani. "Antigamente, quando uma mulher ia ganhar filho, a parteira colocava água para amornar; depois de morna, a parteira misturava a água com cinzas e mandava a mulher tomar. Isso ajudava a criança a nascer mais rápido. Durante o mês, a mulher tinha que tomar banho de cinza. Também lavava os seios para ter muito leite e para o leite derreter..."

Assimilação

Mas os tempos são outros, pois os índios, sobretudo os tupiniquins, já há vários anos

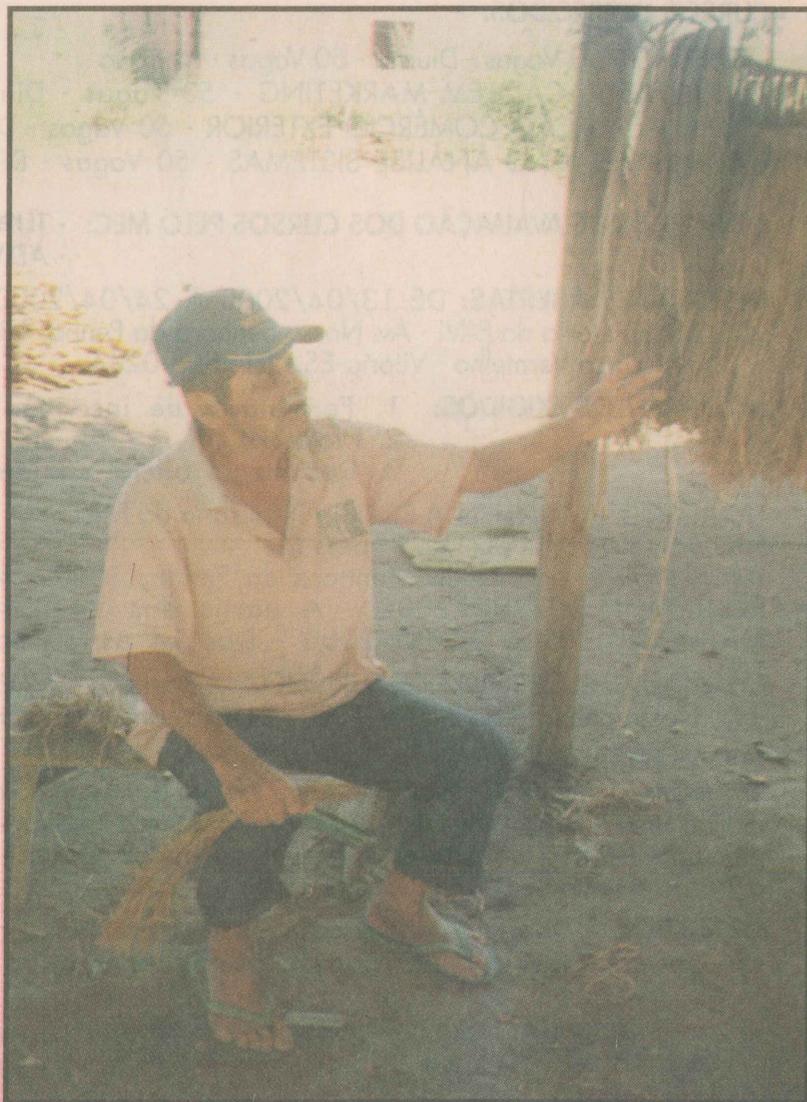
tenimento mais comum é representada pelo fascínio da televisão. O novo costume acabou consolidando o processo de isolamento a que os índios idosos estão sendo submetidos, desde o início da colonização européia. Os irmãos Manoel e Maria Diolino, ele com 83 anos e ela com 113, sendo a índia mais velha do Estado, moradores da aldeia Pau-Brasil, se queixam da solidão.

"Passamos vários dias aqui, sem aparecer ninguém para conversar. Os mais jovens não querem mais saber de histórias de índio", lamenta Manoel, lembrando, por exemplo, que não precisava sair de casa para garantir o alimento. "Ficava sentado e via os bichos passando, porque tudo aqui era mata bruta, então, dava muito tatu, catitu, veado e paca." Também fala sobre a alimentação, afirmando que nunca fez restrição

hoje é que estragam a saúde." Ele atribui a longevidade ao antigo modo indígena de viver, que, conta, incluía longas caminhadas pela floresta adentro.

Enquanto Manoel, falante, conta suas histórias, Maria permanece silenciosa, mais interessada no alto som do rádio ligado. "Ela tem boa vista. Consegue enfiar a linha na agulha e remenda as nossas roupas", observa o irmão. Assim como ele, Maria, que tem dificuldades para ouvir, também sente a solidão. Mas durante todo o tempo, ela se mantém em silêncio, se limitando a gestos lentos com as mãos e a uma bênção na despedida, que revelou uma voz fraca e trêmula.

Manoel e Maria nunca se casaram. Eles ocupam uma casa de alvenaria, de três cômodos, ao lado do campo de futebol da aldeia. O casal conta com a ajuda de uma sobrinha, que prepara a comida. Quando adoecem, o que ocorre com raridade, segundo o índio, ainda recorrem aos remédios caseiros, extraídos de árvores e ervas nativas.



de, amassado, corta a dor de

dente. "Não temos a fala do índio, mas temos o sangue." A frase do índio Alonso Pinto, de 88 anos, mais do que a tristeza pelo desaparecimento da língua, retrata o sentimento dos tupiniquins de que, se as histórias e costumes estão sendo esquecidos, ainda resta o orgulho de pertencer a uma etnia que vem resistindo bravamente há 500 anos. Enquanto confecciona as tangas tupiniquins, feitas de palha, ele cita, saudoso, características da aldeia de Caieiras Velha, no início do século. "Era mata pura até chegar na praia. Naquele tempo, ninguém trabalhava para ninguém. A gente vivia do marisco daqui, tinha muita ostra e caranguejo, que era trocado pela farinha, banha e arroz." Já Iraci Felipe, 69 anos, que se casou aos 17 e teve 12 filhos, acha que a vida do índio, sobretudo das mulheres, é

O LAMENTO

Alexandre Cezenando, de 84 anos, antigo cacique de Caieiras Velha, lamenta as mudanças dos novos tempos. Para ele, nem tudo foi para melhor. "Tinha muita mata e muita caça. Desmataram o que era nosso"

O ORGULHO

Alonso Pinto, 88 anos: "Não temos a fala do índio, mas temos o sangue." Para ele, por causa do desaparecimento da língua, histórias e costumes estão sendo esquecidos, "mas ainda resta o orgulho de pertencer a um povo que resiste ao tempo"

Origem

Caieiras Velha recebeu este nome por ter sido o local onde os índios fabricavam cal, a partir das conchas das ostras retiradas do Rio Piraquê-Açu. É o que conta Alexandre Cezenando, de 84 anos - pai do cacique José Cezenando, e que já foi cacique desta aldeia. Ele também lamenta que as mudanças tenham acontecido, mas nem tudo foi para melhor. "Tinha muita mata e muita caça. Desmataram o que era nosso e sumiu caça, passarinho. Com o eucalipto, acabou tudo. Tinha lavoura de mandioca, milho e feijão, mas não era igual está agora, era só lavoura pequena, porque invadiam as nossas terras e enrolavam a gente."

Mas, em sua casa, a presença de eletrodomésticos demonstra um gosto pela comodidade proporcionada pelos tempos atuais. "Os jovens levam uma vida diferente e boa agora, porque tem creche, escola, posto de saúde. Antes não tinha nada", diz, enquanto mostra um

como depositários da sabedoria e, principalmente, da religião, que é muito forte nesta etnia. "Mesmo que os jovens estejam à frente das relações com a sociedade, eles sempre recorrem aos mais antigos para aconselhamento." Entre os tupiniquins, explica, também há este respeito, mas a diferença de gerações é mais acentuada. Villas salienta que, embora as condições de vida nas aldeias ainda deixem a desejar, a população idosa não tem problemas sérios de saúde, sendo comum apresentarem hipertensão arterial. Lembrou, entretanto, que foram diagnosticados, recentemente, três casos de câncer. Os índios de Aracruz são atendidos por postos de saúde da Prefeitura, pelas equipes do Programa de Saúde da Família (PSF), Fundação Nacional de Saúde (Funasa) e pelas ações do Núcleo Interinstitucional de Saúde Indígena (Nisi).

